



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

O NOSSO CONCURSO

Memórias da professora da cidade de Guimarães, Luisa Guedes da Fonseca Miranda, apresentadas à Benomérta Sociedade Martins Sarmento, da mesma cidade, de harmonia com o assunto do ofício que a referida Sociedade dirigiu aos professores do concelho, em 20 de Agosto de 1921, com a seguinte

PROPOSTA

«A Direcção da Sociedade Martins Sarmento convida todos os professores primários do concelho de Guimarães a apresentarem um trabalho, produto do seu estudo, observação e experiência, e no qual apreciem o que a lição de todos os dias lhes está seguramente indicando relativamente a programas, método e orientação do ensino primário, apontem defeitos a corrigir ou alterações a fazer nesse ramo básico da instrução, tendo em vista não só a difusão do ensino como o melhor aproveitamento dos alunos; ou ainda mesmo se limitem às suas notas pessoais quanto ao funcionamento das escolas primárias.»

Programas

Vigoram actualmente os programas mandados adoptar nas escolas de ensino primário geral pelo Decreto n.º 7:311, de 15 de Fevereiro de 1921 — «Diário do Governo» n.º 32.

Estes programas satisfazem mais ou menos às modernas exigências do ensino popular, por isso que nêles foram introduzidas inovações que a moderna pedagogia aconselha, como sejam *desenho livre e cópia do natural, exercícios de ambidextria, exercícios de redacção e composição, modelação, trabalhos manuais edu-*

cativos e jogos individuais e colectivos e metodizados, num programa de educação física bem orientado. São, a meu ver, deficientes no que respeita a trabalhos educativos, pois, nas difíceis circunstâncias actuais da vida, muito convinha que cada cidadão soubesse um ofício, a fim de mais facilmente poder arcar com as dificuldades que a terrível crise social pode, de um para outro momento, fazer cair sobre nós.

Como, porém, impossível seria que a criança saísse da escola primária sabendo um ofício, para desejar era que, ao menos, levasse ideias gerais, e a aptidão e o gosto mais ou menos desenvolvidos para qualquer ofício manual, inclusive o de agricultor aperfeiçoado. Para isso cada escola devia possuir dependências apropriadas e salões exclusivos para trabalhos manuais, com o respectivo material e os utensílios e ferramentas indispensáveis.

Nos programas primários devia também ser incluído o ensino da *estenografia*, porque seria de grande utilidade a todos os alunos, e principalmente aos que se destinam a seguir estudos. Ficariam aptos a tomar as suas notas durante as prelecções dos professores, as conferências públicas, etc.

Tudo isto, porém, se me afigura impossível de realizar e a instrução primária incapaz de progredir eficazmente, sem que haja bons

Edifícios escolares

O que para aí chamam edifícios escolares é uma vergonha.

Se os Governos quiserem instrução popular que satisfaça às necessidades dos povos, devem começar por uma reforma radical das instalações escolares que são, no geral, e no país inteiro, tudo quanto há de mais insuficiente. — Vi a casa da escola da freguesia de S. Romão de Mesãozinho, e a sala onde funciona a escola da freguesia de Urgezes, nos arredores desta cidade. A sala da 1.ª escola tem apenas uma porta envidraçada a dar-lhe luz. E' pela sala que tem serventia a habitação da professora. E' insuficiente para a frequência e tem falta de luz.

A sala da 2.^a tem igualmente pouca luz e está em nível inferior à estrada pública adjacente. Esta escola teve de funcionar já fora da freguesia, por falta de casa. — Dir-se há que resta o recurso de as mandar encerrar. Mas com isso prejudicar-se-ia a instrução. E, demais, eu sei que por falta de casa está fechada, *desde 1908*, a escola oficial da freguesia de Atães, d'êste concelho.

Actualmente, escola que feche por motivo de casa, é difícil ou talvez impossível voltar a abrir. E por êsse País além sucede o mesmo, porque não aparecem, para arrendar, casas com as condições necessárias para o bom funcionamento de uma escola. No concelho de Vinhais, sei eu que existiu uma sala de aula que não tinha janela. Era alumiada sòmente por uns pequenos vidros colocados na própria porta de entrada.

¿Que instrução e que educação se há-de dar numa sala onde falta tudo, desde a luz às mais simples comodidades?

O melhor factor educativo é o exemplo. A educação dos sentidos e do gôsto estético só se pode fazer em salas onde haja arte, luz e conforto, a par de coisas que, pela forma, pela beleza, pela disposição, impressionem os sentidos dos alunos. Os hábitos de asseio só podem adquirir-se em edificios que se imponham por uma limpeza irrepreensível.

Então de higiene, *em casas onde falta a luz e o ar*, nem falo. As doenças adquiridas pelas crianças em maus edificios são inúmeras.

O que digo a respeito de edificios pode ser aplicado ao mobiliário, no geral, cheio de defeitos.

Entendo que êste magno problema se não resolve, enquanto cada escola não tiver o seu edificio próprio, mas construído segundo as regras da higiene e da pedagogia; não edificios como os das freguesias de Gondomar e S. Martinho de Conde, cujas professoras tenho ouvido queixar-se amargamente das péssimas condições em que foram construídos, de tal forma que, de inverno, não entra o sol nas respectivas salas de aula!

Como consegui-lo? — Inscrevendo nos respectivos orçamentos muito dinheiro, com verbas enormes destinadas a construções escolares. Infelizmente, po-

rém, pouco podemos esperar do Estado, por causa das *infelidades* que perseguem as suas finanças.

Quando várias nações estrangeiras, algumas bem pequenas, como a Suíça, aumentam extraordinariamente as dotações orçamentais da instrução popular, Portugal pouco tem feito em tal sentido, a não ser no que respeita a vencimentos, e pouco lhe é possível fazer.

E, todavia, é indispensável construir bons edificios, que satisfaçam por completo ao fim a que são destinados. Se a Benemérita Sociedade Martins Sarmiento conseguisse interessar neste momentoso assunto as pessoas de fortuna do nosso concelho, os grandes industriais e proprietários, teria beneficiado grandemente a sua instrução primária.

Para que um edificio escolar satisfaça plenamente ao seu fim, é preciso, pelo menos, que, além de boas salas de aula e mais anexos indispensáveis, construídos segundo as regras da pedagogia e da hygiene, possua um grande terreno destinado:

1.^o — A campo de experiências agrícolas, a fim de serem ensinados aos alunos os processos modernos e inteligentes de tirar da terra o maior produto possível.

2.^o — A jardim, destinado a exercícios de geometria aplicada, e cultura de flores e arbustos, e ao ensino da Botânica, criando nos alunos o gôsto pela arte e beleza, e o amor pelas plantas.

3.^o — A recreio das crianças e aos jogos e demais exercícios de educação física. (Vide observação 2.^a).

Diz António Feijó no seu relatório sôbre a instrução popular na Suécia — 1897: "Tôdas as escolas devem ser rodeadas de um jardim que permita ensinar aos alunos rudimentos de horticultura e arboricultura." "Em Estocolmo alguns edificios escolares parecem verdadeiros palácios."

Deve ainda um edificio possuir salões amplos e instalações próprias para trabalhos manuais de reconhecida utilidade; um balneário para banhos quentes e frios; e, sendo possível, um lago para exercícios de natação, que são os que melhor desenvolvem os órgãos respiratórios.

Só em bons edificios é que é possível fazer-se o ensino regional adequado ao concelho de Guimarães,

despertando o gôsto e o interêsse pela agricultura e pelas artes e officios.

Ora, edificios como êsses que para aí existem, mesmo os próprios, sem água, sem pátios cobertos, sem retretes em condições; e os arrendados *sem indicação alguma exterior que diga ser ali o templo da instrução*, nem atraem as crianças, nem impõem respeito ao povo, nem despertam interêsse a ninguém.

Uma boa reforma do ensino primário deve, pois, começar pela reforma radical dos edificios escolares, sob pena de não termos boa instrução popular.

Escolas Infantis

O estabelecimento destas escolas no concelho, e especialmente nos centros industriais de Guimarães e Pevide, é uma inadiável necessidade. No País, quando muito, há meia dúzia destas escolas.

Criou-se uma em Bragança, cidade pobre, sem indústrias, e que poderá ter metade da população da cidade de Guimarães. Há outra em Coimbra, mandando a Câmara buscar no eléctrico, às suas moradas, as crianças que as frequentam. E parece que só no Porto e Lisboa é que há outras.

Ao passo que a pequena Suíça tem cerca de *duas mil*! Só no ano escolar de 1908 criou *137*!

As escolas infantis, em meios industriais como este, são indispensáveis, porque as crianças vegetam por aí verdadeiramente abandonadas. Se quisermos preparar melhor futuro ao nosso querido Portugal, *de gloriosas tradições*, por meio da regeneração das gerações vindouras, acabando quanto possível com os vícios e desorientações actuais, precisamos de educar as crianças — as mães e os cidadãos de amanhã, corrigindo-lhes as inclinações e taras ancestrais, educando-lhes e desenvolvendo-lhes os sentidos, e formando-lhes o coração, por meio de jogos e cânticos adequados e pelo exemplo constante da bondade firme, justa, inflexível umas vezes, maleável outras, mas sempre sensata e prudente.

Isto quanto ao coração e ao carácter, porque, relativamente à parte física, chega a ser um crime o que

por aí se passa, vendo-se nas ruas crianças abandonadas e esfomeadas, enquanto suas mães vão para as fábricas ganhar o pão de cada dia.

E' necessário também que em cada escola funcione uma Cantina, como em Guimarães funciona, com bons resultados, junto das escolas de ensino primário geral, dando uma refeição diária a cerca de 250 crianças pobres, tam pobres, que algumas comem apenas a pequena refeição que a Cantina da escola lhes fornece.

Muito especial cuidado nos deve merecer o fortalecimento da raça. O indivíduo saudável e forte, consciente da sua força e dos seus deveres cívicos, é trabalhador, generoso, valente em tôdas as circunstâncias da vida, e por isso um cidadão prestante para a sua família, para os seus concidadãos, para a sua pátria.

O indivíduo doente e fraco, certo da sua inferioridade e infelicidade, de que torna responsável a sociedade em que vive, é no geral, um revoltado, um coarde e um criminoso.

E o robustecimento da raça tem de começar justamente pela educação física da criança de tenra idade, porque depois de adquiridas doenças e vícios, já não é fácil debelarem-se. Eduquemos e fortaleçamos, pois, as crianças, se quisermos melhores dias para as gerações que nos sucederem.

E' a Alemanha um povo de valentes, física, moral e scientificamente. Creio que ninguém o põe em dúvida. Pois foi lá que o grande *Fräbel* — o insigne pedagogo de que se pode orgulhar aquela nação — fundou os *Jardins de Crianças*, que em breve se espalharam por todos os países que se interessam pela educação do seu povo — *Kindergarten*.

Para se criar em Guimarães uma escola infantil é necessário um edificio com um grande jardim, onde as crianças vejam crescer as plantas e as flores, suas irmãs na frescura e beleza; e com algumas salas ao rés do chão, e as dependências indispensáveis, como cozinha, sala de descanso para as crianças acometidas de qualquer doença repentina, e sala de jogos para os dias em que esteja mau tempo e estes se não possam realizar ao ar livre.

Se a Benemérita Sociedade Martins Sarmento pudesse contribuir para dotar Guimarães com uma escola

infantil, empregando para isso todo o seu esforço e boa vontade, prestar-lhe ia um grande e inesquecível serviço!

E bem precisas são também as creches. Creche, escola infantil, escola primária geral e escola primária superior — completam-se.

Escolas de anormais

Um dos maiores obstáculos que tenho encontrado na aplicação dos métodos de ensino, e muito especialmente nesta cidade, é a diferença de percepção entre os alunos que me tem sido confiados. Alguns levam anos a aprender o que outros aprendem apenas em meses. E isto prejudica muito o ensino dos que aprendem melhor, por obrigar a contínuas e sucessivas repetições.

Para obviar a êste inconveniente grande, e muito de ponderar, era necessário que na sede de cada concelho, pelo menos, houvesse uma escola de anormais — atrasados mentais — que seriam sujeitos, com melhor êxito, a uma disciplina e método diferentes dos que se usam para as crianças normalmente equilibradas.

E para estas escolas qualquer edifício serve, isto é, serve um edifício dos usualmente utilizados. E' apenas criar as escolas e provê-las em professores com vocação, e tirocínio especial.

As crianças, na ocasião da matrícula, seriam sujeitas ao exame de um médico especialista, submetidas a um interrogatório conveniente, e distribuídas por grupos ou classes, segundo o grau de acuidade intelectual, remetendo-se as de reconhecido atraso mental ao professor especialista, director da respectiva escola de anormais.

Escolas de cegos e surdos-mudos

Não é justo que estes infelizes, para quem a Natureza foi madrastra, não sejam beneficiados com a luz do espírito como os seus irmãos mais felizes em dotes naturais. Pelo contrário, a estes desgraçados se devia

ministrar uma educação e instrução especiais e intensas que os levassem a esquecer os dotes que a Natureza lhes negou.

E' indispensável que, pelo menos, na sede de cada distrito haja uma escola oficial para cegos e outra para surdos-mudos, com internato, e provida em professor devidamente especializado no respectivo ensino. — Os institutos dêste ensino que há em Portugal são sustentados pela benemerência particular. São poucos por isso. Mas o Estado é que tem obrigação de olhar por estes seus desventurados filhos, criando e dotando as escolas que forem necessárias.

Orientação do ensino

Todo o ensino tem de ser orientado praticamente, com o intuito de formar indivíduos úteis a si e à Pátria, cidadãos prestantes, na aceção rigorosa da palavra, e mães de família dignas de tal nome.

Por isso o ensino deve ser dirigido no sentido do desenvolvimento do raciocínio, da inteligência e da observação das crianças, formando-lhes o carácter e o coração por meio de bons exemplos e narrativas patrióticas, em que, felizmente, a nossa história abunda; e dando-lhes uma educação prática que as habilite a lutar pela vida, criando-lhes o génio empreendedor e artístico, interessando-as pelas coisas reais e positivas, quebrando assim a tendência que todos temos para a tagarelice, e desviando-as de uma instrução palavrosa, sem mira definida.

Os rapazes devem sair da escola com uma inteligência clara e bem orientada, aptos a compreender sensatamente os problemas da vida colectiva, e com hábitos de trabalho, porque só é cidadão digno dêste nome o que trabalha e sabe trabalhar.

E as meninas devem sair dela igualmente com a inteligência bem orientada na resolução dos problemas da vida íntima da família, e com as mãos habilitadas a talhar e consertar roupa branca, e com a alma bem formada sobre a virtude, e fortaleza de ânimo e abnegação e isenção que são necessárias a uma boa dona de casa: — porque, meus Senhores, o que principal-

competência, mas por falta de coragem para se meterem em trabalhos de que nem todos os pais de família compreendem a significação e vantagem educativa.

Em todas as escolas precisa haver o *Museu Escolar*, tam útil, tam indispensável ao ensino prático e intuitivo dos alunos! A todos os professores é possível tê-lo, mais ou menos variado, mais ou menos completo.

Nos passeios ou excursões escolares, de que trata o Regulamento, podem ser adquiridos variadíssimos exemplares para o ensino prático da Botânica, da Zoologia, da Mineralogia, da Agricultura, etc. Estes exemplares, convenientemente guardados em e-tantes, de que todas as escolas devem ser dotadas, são na escola examinados, explicados e estudados. E estas lições, dadas sobre o livro admirável da Natureza, não esquecem nunca, porque as *mãos palparam e os olhos viram* objectos reais, o que é bem diferente da lição palavrosa e teórica do livro.

As excursões e passeios oferecem a melhor oportunidade para o ensino da topografia, corografia, orografia, hidrografia, história, etc., além das sciências já mencionadas.

Em várias nações estrangeiras há escolas ao ar livre, e na Bélgica, país pequeno em território, mas grande na instrução e heroísmo do seu povo, cada professor tem o direito de sair em passeio com os seus alunos, quando lhe aprouver, bastando apenas participá-lo ao director da escola, e deixar escrito no quadro negro o objecto da lição que vai ministrar no livro aberto da Natureza ilimitada.

Quando, pois, pela pobreza das dotações orçamentais, não possa haver, como não há na maior parte das nossas escolas, um museu artístico de quadros comprados pelas entidades incumbidas do fornecimento do material escolar ensinante, pode haver sempre o que o professor tem possibilidade e obrigação de arranjar — art.º 105 citado —, tomando-o da própria Natureza.

O professor, querendo, faz verdadeiros milagres. Para o ensino da física e da química pode também conseguir diversos utensílios e aparelhos para as experiências e demonstrações mais simples.

A *Biblioteca* deve existir em todas as escolas, mesmo as mais sereníssimas. Uma verba que possa ser inscrita no orçamento da Junta da Freguesia; um peditório que o professor promova entre os pais dos seus alunos; um apêlo que o mesmo faça aos autores ou editores dos livros mais próprios e convenientes para crianças: — eis o que poderá servir de começo à Biblioteca, tendo o professor o dever de cuidar da sua organização, como é recomendado no citado artigo 105 e 116, n.º 5.º.

Ninguém porá em dúvida a grande importância pedagógica das bibliotecas escolares. No caso não provável de ser de todo impossível organizá-las, isto é, de falharem os esforços e tentativas do professor, deverá este emprestar aos alunos estudiosos os dicionários e livros por onde estudou.

Eis, pelo exposto, como eu entendo que deve ser orientado o ensino, todo prático e utilitário, baseada na experiência adquirida nos meus 23 anos de exercício no magistério primário oficial, tendo sempre por objectivo principal desenvolver a intelligência, o raciocínio e a observação das crianças, formar-lhes o coração e o carácter e criar-lhes e despertar-lhes todas as aptidões e energias que as possam habilitar a saber lutar pela vida.

Além dos trabalhos manuais bem orientados, as Caixas Escolares, os Museus e as Bibliotecas muito contribuem para tal *desideratum*.

Metodologia e proeessologia do ensino

O maior merecimento que um professor pode ter é fazer-se compreender facilmente dos seus alunos. As lições precisam ser dadas com método e clareza, por forma que sejam aproveitadas pelas crianças. O professor que saiba o *segrêdo* do verdadeiro método de ensino, chega a obter resultados que parecem verdadeiros milagres.

Para isso necessita possuir um conjunto de qualidades apreciáveis que o tornem respeitado dos alunos e considerado no conceito público. Se conseguir im-

por-se aos alunos e fazer-se por eles amar, exercera sobre eles influência sugestiva que muito contribuirá para a sua obediência e disciplina, pois, sem estas duas condições, impossível se torna ministrar ensino proveitoso. Precisa ser inteligente, arguto, sensato, trabalhador, delicado, agradável e bondoso para os alunos, e sobretudo conhecer-lhes a *psicologia* e amar muito a escola.

Se não amar a escola, e não gostar da profissão, exercendo-a apenas como modo de vida, estará aborrecido e contrafeito, e não poderá ser bom professor, nem educar pelo exemplo.

O professor deve ser um verdadeiro apóstolo do ensino, ser dedicado à escola até ao sacrifício, encarando a profissão como um sacerdócio e não como um lugar lucrativo.

Disse já que necessitava conhecer a *psicologia* dos seus alunos. Esta é a sua principal qualidade, porque, não lhes conhecendo a *psicologia*, não saberá empregar o verdadeiro método.

O método! — Fala-se em método, geralmente, como se ele fôsse um só, invariável, isto é, aplicável a todo e qualquer aluno. Não o é, nem o pode ser, e nisto é que está o segredo da profissão.

Os métodos são tantos quantos os alunos ou grupos de alunos que tenham, pouco mais ou menos, a mesma capacidade intelectual. Um médico não pode aplicar para a mesma doença, em diferentes indivíduos, os mesmos medicamentos. Tem de examinar previamente o doente e ver se o que a outro fez bem poderá ser recebido por este sem lhe fazer mal. Precisa de examinar principalmente se os rins e o coração funcionam bem, e ver que o medicamento aplicado não vá prejudicar qualquer órgão ou função importante do seu novo doente. E' por isso que se diz que não há doenças, mas doentes.

Da mesma forma se pode dizer que não há método, mas alunos. E, assim, o professor que quiser tirar bom resultado do seu trabalho e método empregado, precisa de previamente examinar, um por um, os alunos que lhe são confiados, verificando se são mentalmente equilibrados, se os seus órgãos principais funcionam bem, qual a sua acuidade visual, qual o meio

educativo doméstico, recorrendo, no caso de dúvida, ao médico escolar e pedindo informações à família.

Não é difícil conhecer se uma criança é inteligente, examinando-lhe o olhar, a conformação da cabeça, as bossas cranianas, etc., e submetendo-a a um interrogatório hábil.

Feito o exame, devem os alunos ser grupados segundo o grau de agudeza intelectual, e ensinados pelo método para eles mais conveniente. O erro grave cometido na metodologia do ensino primário está em se usar o mesmo método para todos os alunos, sem se pensar que, *se a Natureza os fez diferentes na sua psicologia, diferente deve ser o método para eles empregado*. umas crianças aprendem tudo que se lhes quiere ensinar; outras aprendem pouco, e outras ainda não aprendem coisa alguma. Estas deveriam ser remetidas para as escolas de anormais de que falei já; e às outras deve-se-lhes ensinar somente o que elas forem capazes de aprender, segundo a sua capacidade intelectual.

No geral, os antigos professores louvavam até ao exagêro os alunos inteligentes, e martirizavam com castigos os infelizes que os não podiam acompanhar na compreensão das lições dadas. Desta injustiça desumana é preciso libertar esses infelizes com quem a natureza foi madrastra.

E' certo que a moderna disciplina é benigna, estando da escola banidos os castigos corporais; e os desfavorecidos de inteligência tem apenas o desgosto de passar longos anos na escola quando não encontram professor hábil que os submeta a método diferente.

Apesar de Tolstoi não haver tirado das suas generosas tentativas bons resultados práticos, são de palpitante actualidade estas palavras por ele escritas, não obstante haver nelas confusão entre método e processos de ensino:

....."Para isso precisa de conhecer o maior número de métodos e de ter a faculdade de os inventar e principalmente de não seguir um método único e de se convencer de que cada um tem as suas vantagens e que o melhor será aquele que obviar a tôdas as dificuldades que o aluno encontrar. Quere isto dizer *que o mestre precisa mais de arte e de talento do que propriamente de método*.

Considere êle qualquer falta do aluno como uma deficiência do seu ensino que a cada passo deve melhorar, inventando novos métodos. Para o mestre um método novo é um degrau sobre o qual êle deverá colocar-se para ir mais longe. E, se o não fizer, outro o fará, apropriando-se dêsse método, e baseando-se nêle para criar outro. Sendo o ensino uma arte, a sua perfeição é inacessível e o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento são infinitos." —

Parecem-me indiscutíveis estas verdades, por isso que, repito, o método tem de variar conforme a natureza psíquica do aluno.

Habilidade, talento, zêlo, boas leituras, conhecimento da natureza física e psíquica dos alunos, eis as qualidades que o professor deve possuir para saber empregar o verdadeiro *método pedagógico*, que é, definido pelo pedagogo J. A. Coelho:

— «*A ordem a seguir na disposição sistemática dos objectos de ensino, dos seus elementos e das operações destinadas a defini-los.*» —

Na ordem de apresentação devemos sempre seguir do *conhecido* para o *desconhecido*; do *fácil* para o *difícil*; do *simples* para o *composto*; do *homogêneo* para o *heterogêneo*; ou do *confuso* para o *distinto*, do *obscuro* para o *claro*, e do *indefinido* para o *definido*.

Há somente dois métodos fundamentais: — O *analítico* e o *sintético*, subdividindo-se qualquer dêles em *objectivo* e *subjectivo*.

Seguindo o primeiro, avançamos do *concreto* para o *abstracto*, do *composto* para o *simples*, do *geral* para o *particular*; seguimos inversamente, quando empregamos o segundo, isto é, o *sintético*. — E como a ordem de apresentação tem de variar, devem empregar-se os dois conjuntamente, isto é, o método *analítico-sintético*.

— Julgo, porém, para a escola primária mais importante a *processologia* do ensino, e por isso, apesar de não fazer parte da proposta que é objecto dêsse trabalho, entendo que não devo deixar de tratar dos *processos* que melhor resultado dão na aplicação do método geral. — O mesmo autor J. A. Coelho define — *processo de ensino* —

— *A maneira como o professor oferecerá ao aluno*

o objecto do saber cujas noções a êste cumpre adquirir e consolidar e lhe desenvolverá as faculdades em jôgo em tal aquisição e consolidação.

Para o bom resultado da aplicação da processologia contribuem muito as qualidades ou aptidões do professor, que podem ser *gerais e especiais*, e às quais já fiz referência geral. As primeiras — as gerais — são *físicas, morais, intelectuais e emocionais ou afectivas*.

E' claro que um professor de exterior correcto, de aspecto agradável, que seja impecável na sua vida pública e particular, um homem de bem, em suma, com inteligência e equilíbrio mental, isto é, sensato; e ainda vivo, sagaz, prudente, grave, com amor pela escola, etc., impõe-se aos alunos e atrai-lhes a simpatia muito melhor que outro que não possua aquelas qualidades.

As segundas — as aptidões especiais — são o saber, isto é, o conhecimento perfeito do que se vai ensinar; *espírito de análise, espírito de síntese e equilíbrio* entre estas duas aptidões, a fim de que se não desça a minúcias inúteis de análise ou se caia em sínteses precipitadas.

O professor deve apresentar ao aluno claramente, com as *palavras precisas, sem redundância, só aquilo que êle fôr capaz de aprender*, quer dizer, só os conhecimentos que a sua inteligência puder compreender.

Se não atender a esta circunstância, o seu trabalho resultará inútil.

Na apresentação das explicações, na regência da escola, haverá sempre boa ordem, viveza, animação, solicitude. O conjunto destas qualidades é que se denomina — *aptidão pedagógica*.

Explicações de mais, sem clareza, confundem o aluno; explicações de menos deixam a dúvida no seu espírito.

Sendo o processo de ensino a maneira de apresentar ao aluno o objecto do saber, é claro que há tantos processos quantas as maneiras pelas quais se possa apresentar-lhe o objecto docente. Podem, todavia, os processos dividir-se em dois grupos: *Subjectivos* e *objectivos*, subdividindo-se aqueles em *fônicos, mímicos* e *fono-mímicos* ou *mixtos*; e estes em *conceptuais, empíricos-conceptuais* e *empíricos*, subdividindo-

-se ainda os *conceptuais* em *fonográficos* e *simbólicos*, e os *empíricos* em *ideográficos* e *reais*.

Se nos processos de ensino nos servimos de elementos existentes em nós mesmos, usamos dos processos *subjectivos*; se nos servimos de elementos existentes no meio que nos cerca, e fora de nós, usamos dos *objectivos*.

Usamos dos *fónicos*, quando nos servimos da palavra falada; dos *mímicos*, quando nos servimos dos *gestos* e outras *atitudes* do corpo; e dos *mixtos*, quando nos servimos da *palavra falada* e ao mesmo tempo dos *gestos e atitudes*.

Vê-se imediatamente do que fica dito, que destes processos devem preferir-se os *mixtos*, porque pouco persuasiva será a palavra que não fôr acompanhada de gestos e atitudes que a tornem convincente. O professor a falar, sem gestos e atitudes adequadas, seria uma verdadeira estátua. Não convenceria ninguém. Muitas vezes é mais expressivo e persuasivo o gesto que as próprias palavras, bastando às vezes um simples sinal para nos fazermos compreender.

Convém acentuar que os gestos não devem ser exagerados nem affectados, e que as atitudes devem ser graves, naturais e animadas, sem exagêro.

E a importância do processo *mímico* avalia-se no ensino dos surdos-mudos, em cujos processos tem de ser quasi exclusivamente usado — com os processos *objectivos* reais —, não obstante haver hoje maneira de ensiná-los a falar.

Usamos dos processos *conceptuais-fonográficos*, servindo-nos da *palavra escrita*, e *empregando o livro*; e dos *conceptuais-simbólicos*, servindo-nos de quaisquer outros elementos gráficos que, por convenção, designem uma dada idea, como, por exemplo, os *símbolos algébricos* e do *sistema métrico*. — Se nos servimos, como elementos existentes no meio, das *simples linhas do desenho*, por forma que produzam figuras geométricas, esquemáticas, etc., ou traçamos uma figura geométrica no quadro, usamos de processos *empírico-conceptuais*.

Empregando a pintura e o desenho dos objectos, usamos do processo *empírico-ideográfico*; e, apresentando ao aluno os próprios *objectos-materiais* das noções que lhe queremos ensinar, usamos dos processos

empíricos-reais, também conhecidos por *objectivos-reais*.

Pelo que fica exposto, se conclui que o processo de ensino por excelência, aquele que não pode deixar dúvida alguma no espírito da criança, é o processo *empírico-real*. Para dar ao aluno a idea exacta do que é uma fábrica, nada se consegue sem lha mostrar. Para levá-lo a descrever uma máquina de vapor, por exemplo, o melhor processo é mostrar-lha a funcionar. E isto é possível.

Mas, como para dar a idea do que é um elefante, um leão, raramente é possível mostrar estes animais, recorre-se à pintura e ao desenho, o que sempre se pode fazer, pois o professor pode desenhar no quadro negro os objectos representativos das ideas que deseja expor. Daqui se deduz quanto é importante o processo *ideográfico*.

Em rigor, porém, usamos de todos os processos conjuntamente, porque vamos falando e fazendo gestos; servimo-nos do livro, escrevemos no quadro negro e traçamos sinais convencionais e figuras geométricas; desenhamos no quadro, chamamos a atenção para as pinturas e quadros murais existentes na sala de aula, e mostramos os objectos, aparelhos e maquinismos, quando é possível — deixando somente de usar do processo *empírico-real*, quando de todo nos fôr impossível usar dele.

Para fazer compreender à criança o que é e como funciona um relógio; o que é o ferro, o chumbo, o carvão de pedra, um peixe, um coelho, etc., não há melhor processo do que mostrar-lhe os próprios objectos ou animais, recorrendo ao desenho, quando não fôr possível mostrá-los.

E' por isso que os livros escolares estão cada vez mais cheios de illustrações, o que é um grande e apreciável preceito pedagógico. E em muitas escolas estrangeiras usa-se já das projecções luminosas.

Os processos *fónicos* podem apresentar a forma *expositiva*, a *dialogal-socrática* e a *mixta*.

No ensino da história e da moral é que é mais usada a forma *expositiva*. Na primeira devemos sem-

pre fazer o estudo sobre os mapas da região a que os factos históricos dizem respeito, e procurar fazer compreender aos alunos quais os motivos que determinaram qualquer facto histórico e quais os efeitos d'ele resultantes.

Muitos professores abusam da forma expositiva sem procurar certificar-se se os alunos prestaram atenção ou fixaram as passagens principais da exposição. É este um grande erro pedagógico. Depois da exposição, é necessário averiguar, por meio de interrogações, se os alunos aproveitaram alguma coisa, isto é, usar da forma *mixta*, procurando desfazer tôdas as dúvidas e objecções apresentadas.

Da dedicação, competência e zêlo dos professores é que depende o futuro da Escola Popular. E se esta não tem tido sempre a consideração a que tinha direito, é porque nem todos os professores sabiam impor-se à consideração pública.

Lembro-me de certo professor que, já na vigência da lei de 1878, pagava 4\$500 reis por mês a um *sapateiro* para lhe dar a aula, enquanto elle andava em conculho diferente, fazendo serviço de matrizes prediais; de um outro, que, sendo hábil, ia para a escola em estado de embriaguez, espancando os alunos e insultando-os e a suas famílias; de outro que, já depois da vigência do Regulamento de 1902, ia de madrugada para as suas propriedades, e, quando chegava a hora de abrir a escola, *caía na cadeira* e adormecia profundamente, entregando-se então os alunos a incríveis desatinos; de várias professoras que levavam trabalhos seus para a sala da aula, e iam costurando, bordando ou fazendo croché, enquanto davam as lições do horário; e ainda de uma outra que mandava reger a escola pela criada — que tinha exame do segundo grau, e parece possuía mais habilitações que sua ama!!

E, perguntando-lhe eu se era verdade o que se dizia, respondeu-me que *pagava à criada para que ela fizesse o que lhe mandasse e que ninguém tinha nada com isso!!!* Tam extraordinária é esta declaração, que eu não a acreditaria, se não fôsse feita a mim própria!

Conheci ainda outra professora que mal sabia escrever, que dava horribes erros de ortografia e que, em 33 anos de serviço official, nunca habilitou um úni-

co aluno para qualquer exame, nem sequer ensinou correctamente a ler, escrever e contar.

Mas ainda há mais:

Sei de outro professor que dava *aula a cavalo!* O caso era simples: Este professor ia todos os dias leccionar um filho de certo fidalgo que residia a muitos quilómetros da escola. Saía de casa a cavalo, passava pela escola, chamava o aluno mais adiantado, que lia a lição junto ao cavalo, de jeito que o professor visse ou ouvisse de cima; dava-lhe em seguida a chave, e recomendava-lhe que fôsse *dando lição* aos outros, até que elle viesse... E só no dia seguinte aparecia para repetir a mesma scena.

Sei ainda de outra professora que tinha na sala da aula uma galinha com pintos e mandava as crianças furtar, *para ella*, o que havia nos quintais dos vizinhos!!

Estes professores, vergonha da classe, eram, no geral, muito protegidos. Alguns foram processados disciplinarmente. Mas outros não foram incomodados.

Era com estes abusos que a classe do professorado estava desacreditada. Felizmente que os que de tal forma desprestigiavam a Escola já não estão em serviço. Ou faleceram, ou estão aposentados.

Professores há ainda, creio que, felizmente, poucos, que não querem ter o trabalho que exige a verdadeira processologia do ensino.

Expondo eu há anos a um colega velho e com fama de professor distinto — mas que estava muito longe de o ser — a maneira como ensinava a leitura, a corografia, a história e a aritmética, respondeu-me que o professor *assim, que se matava*.

Este professor usava e abusava do ensino *livresco* e do *psitacismo*, levando os seus alunos a decorar páginas e páginas dos compêndios e a papaguear as lições de cor. Se o aluno sabia de cor a lição marcada, muito bem, tinha uma nota de «soubes»; se a não sabia, levava *coça*, quasi sempre uma dúzia de *bolos*, e trazia para o dia seguinte a mesma lição, que nem sequer era explicada! Para isto não era preciso ter-se aprendido pedagogia, nem conquistar um diploma por meio de provas publicas.

Lembro-me também de que uma menina, que, em 1900, ficou distinta na prova escrita do exame do 2.º

grau, não respondeu a nenhuma pergunta que o respectivo examinador lhe formulou em História. Desconfiando o examinador da forma como ela teria sido ensinada, disse-lhe:

— Menina, diga lá o *andando*! — E ela *despejou* imediatamente:

“*Andando* no meado do século quinto mui ateadada guerra entre mouros e cristãos”... etc., e *recitou quasi uma página* do compêndio de História de que era autor um tal Lage.

Era aluna do ensino particular. Processos destes embrutecem as crianças e rebaixam os professores. A examinanda, que tinha inteligência para ficar também distinta na prova oral, ficou reprovada, pois se tratava de um júri que dirigia os interrogatórios à inteligência e ao raciocínio, o que é raro.

Cito estes factos para demonstrar que o professor precisa ter zêlo e instruír-se e ler, ler constantemente as inovações pedagógicas resultantes da evolução da *metodologia* e *processologia* do ensino, e procurar ilustrar-se e fortalecer o seu espírito por meio do estudo, porque o professor, de qualquer grau que seja, deve sempre saber mais do que aquilo que é obrigado a ensinar.

(Conclui no próximo n.º).